
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

ISAÍAS CAMINHA: UM NARRADOR NOS BASTIDORES DA NOTÍCIA

Marcos Vinícius Scheffel (UFAM/UFSC)
scheffel@ufam.edu.br

RESUMO: Primeiro livro de Lima Barreto, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* sempre foi visto como um livro em que as questões subjetivas do autor atrapalharam a narração. O presente artigo pretende mostrar que, pelo contrário, a escolha do pobre mulato Isaías Caminha exerce uma função essencial para desvelar as estruturas de poder daqueles primeiros anos da república brasileira. Desta forma, Isaías Caminha tem aprendizados significativos na redação do jornal que o levam a fazer uma escolha de linguagem para suas recordações que se opunha àquela praticada pelos escritores ligados ao campo dominante.

PALAVRAS-CHAVES: Lima Barreto – Literatura brasileira – linguagem e poder.

Alguns críticos procuraram estabelecer uma relação entre a linguagem de Lima Barreto e a linguagem jornalística. Para Alfredo Bosi, por exemplo, o autor promoveu uma descida de tom, “propiciando à realidade entrar sem máscara no texto literário” (1999: 318); já para S. Santiago, a principal herança do jornalismo na linguagem de Lima Barreto foi o uso da repetição (1982: 163-181). O certo é que Lima Barreto não partilhava da concepção preciosista da linguagem, tendo procurado um meio de expressão mais adequado aos novos tempos. Quanto à linguagem jornalística, essa poderia ser uma boa opção em termos estéticos e ideológicos para Lima Barreto, por se tratar de uma linguagem moderna e altamente ligada às transformações pelas quais a cidade passava. Poderia ser, caso os jornais brasileiros não fossem o reduto de literatos que confundiam jornalismo com literatura (Sodré 1999: p. 283).

Desta forma é preciso cuidado quando se aproxima a linguagem de Lima Barreto da linguagem jornalística da época. A linguagem do autor é inovadora tanto na literatura como no jornalismo brasileiro. Outro cuidado importante deve ser tomado ao se pensar na relação de Lima Barreto com a imprensa. Era comum na época os principais jornais se valerem do trabalho dos escritores, motivando inclusive o debate de João do Rio, no seu momento literário, questionando se o exercício do jornalismo ajudava ou atrapalhava a atividade literária.

Se a imprensa brasileira não foi o melhor modelo, em termos de linguagem, deve-se lembrar que Lima Barreto, a exemplo de contemporâneos seus, procurava informações nos jornais franceses, tomando contato com um jornalismo que havia resolvido os problemas relativos à relação entre linguagem literária e linguagem jornalística, definindo o espaço de cada uma delas. Segundo Walter Benjamin, nos jornais franceses, na metade do século XIX, dois pontos ficaram nítidos: 1) a história da informação não podia ser separada da história da corrupção; 2) a linguagem jornalística passava a ser curta e incisiva, deixando a literatura de lado (2000: 23-26).

No Brasil, essas duas situações passam a se tornar realidade a partir do começo do século XX. A percepção desses fenômenos, em nosso país, evidencia o centro das críticas que o *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* teceu ao denunciar o atrelamento da Imprensa ao Estado e enfatizando o papel dos escritores nesse jogo. A segunda observação refere-se a um modelo de linguagem que será adotado pelo personagem-narrador do romance: Isaías Caminha. O aprendizado dessa linguagem se dá na redação de *O Globo*, pondo de um lado os que faziam literatura no jornal, preocupando-se com questões estilísticas e gramaticais, e de outro os que faziam da palavra uma forma de ação, despindo a linguagem de tudo que pudesse parecer superficial. Acredito que esse embate é definidor dos processos narrativos adotados pelo personagem Isaías Caminha. Nesse sentido, é interessante observar que os dois personagens que guiam e protegem Isaías Caminha, Ivã Gregoróvitch e Ricardo Loberant, são favoráveis a uma linguagem despida de ornatos e voltada para comunicação.

Para pensar no processo narrativo, parto de algumas considerações de C. E. Fantinati. Segundo o crítico, Isaías é um escritor em processo. Narra no presente a aventura de compor a obra. Suas recordações constituem o relato dos acontecimentos que o levaram à situação atual de escritor. Trata-se do relato da gênese do escritor (Fantinati 1978: 66). Quero enfatizar que a percepção desses dois momentos no livro, o presente da narrativa e o pretérito épico, exigem atenção do leitor. O tempo presente em *Recordações* não se apresenta logo no começo da narrativa, podendo ser percebido somente no final do capítulo IV e no começo do capítulo VI. O primeiro momento em que Isaías abandona o pretérito da narração, para dar o seu estado presente, é motivado por uma lembrança amarga de um safanão recebido de um sujeito que entrou no bonde. A lembrança da humilhação é agora associada a uma frase de Stendhal que sintetiza o sentimento que tivera naquele momento. Da mesma forma, o segundo momento em que o narrador abandona o pretérito da narração, motivado agora pela dúvida quanto ao fim que será dado ao livro, evoca a bagagem literária adquirida após sua saída do jornal. O personagem-narrador procura referenciais em literatura de outros países para escrita do seu livro, citando suas leituras: Tolstói, Dostoievski, Stendhal, Flaubert.

Considerando verdadeira a proposição de Fantinati, ou seja, Isaías um escritor em processo, não estaríamos esquecendo um importante momento na formação do personagem-narrador? Refiro-me a sua passagem pela redação de *O Globo* e ao fato da escrita do livro se dar somente depois desse período. No jornal, Isaías afirma não ter tido pretensões literárias talvez por ter convivido com escritores que lhe deixaram

uma impressão horrível. Porém, mais ao final do seu relato, afirma que enquanto trabalhava no jornal escrevia um romance.

Proponho que se leve em consideração o período de aprendizado de Isaías Caminha na redação do jornal *O Globo* como fator determinante para escrita do romance, não se tratando da construção de um escritor a partir do zero, mas de um personagem-narrador que durante longo tempo observou os principais jornalistas e escritores do país em ação, tirando lições proveitosas para escrita de suas memórias. Quanto às descrições, acredito que todas têm uma relação direta com a trajetória de Isaías Caminha. Trajetória de desilusão com os principais símbolos da democracia: escritores, intelectuais, políticos e jornalistas, além da cidade.

Qual foi o aprendizado de Isaías na redação de *O Globo*? Pode-se dizer que Isaías teve alguns mestres e que esse aprendizado pode ser dividido em três momentos, sendo que os dois primeiros transcorreram na redação do jornal. O primeiro momento é o da observação e ocorre quando ele era contínuo. Face à irrelevância de sua figura no jornal, ninguém dá importância à presença de Caminha. Floc, o crítico literário, por exemplo, não se preocupa em fingir que escrevia com facilidade na presença de Isaías, enquanto fazia isso quando estava perto dos seus companheiros de redação. Essa atitude de desprezo opera de maneira crítica, por representar a atitude dos escritores daquele período em relação aos humildes, sendo daí importante lembrar que Isaías Caminha, além de pobre é mulato, portanto invisível aos olhos daqueles escritores. Essa insensibilidade dos intelectuais fica patente num diálogo entre Caminha e Floc:

— Que nome! Félix da Costa! Parece até enjeitado! É algum mulatinho?

— Não é mais branco que o senhor. É louro e tem olhos azuis.

— Homem, você está zangado...

Ele não compreendia que eu também sentisse e sofresse. (Barreto 1971: 160-161)

A condição de mulato, pobre e dependente dentro do jornal garante-lhe um ponto de observação importante. Caminha não é percebido pelos demais. Não se pode esquecer que a ascensão de Isaías no jornal se dá por um lance de sorte, quando a morte de Floc propicia que o personagem flagre Ricardo Loberant e Leporace num prostíbulo. Com essa “promoção”, Isaías ingressa no segundo momento de aprendizado: o da escrita jornalística.

A facilidade com que Isaías Caminha domina as “técnicas jornalísticas” serve para desmistificá-las, tornando-as, nada mais nada menos, que uma série de macetes. Nesse sentido, a crítica incide especialmente sobre os escritores do período que praticavam uma literatura marcada por formalismos, em especial o Parnasianismo e o Simbolismo, e que ao mesmo tempo contribuía para imprensa, não diferenciando a especificidade da linguagem jornalística. Assim, tanto a literatura estava distante dos leitores, por priorizar os aspectos formais, como os jornalistas falhavam na comunicação com o leitor por confundirem literatura com jornalismo.

Complementando esse aprendizado no jornal, ainda houve as contribuições do russo Ivã Gregoróvitch, articulista político de *O Globo*, que via na violência a única forma de mudar a realidade do país. Esse ideal de violência se reflete sobre a sua linguagem: “Para ele, tanto se lhe dava sair ‘nós fomos’ como ‘nós foi’. Não tinha nenhum amor pelos escritos; eram como cutiladas, tanto fazia matar, ferindo no pescoço como rachando a cabeça meio a meio. O que ele queria era matar, ferir, golpear: a maneira pouco se lhe dava” (Barreto 1971: 120).

Em suma, nesses dois primeiros momentos, Caminha é posto em contato com duas vertentes distintas da escrita: uma preocupada com os efeitos estilísticos e com a correção gramatical e a outra preocupada com o aspecto utilitário da escrita, tendo por principal objetivo a comunicação. No primeiro grupo estão: Floc, Veiga Filho e o gramático Lobo. No segundo grupo estão: Ricardo Loberant e Ivã Gregoróvitch. Ao longo do romance, essa segunda tendência parece ganhar força no jornal, bastando lembrar que os membros pertencentes ao primeiro grupo não têm um destino muito feliz. A morte de Floc. A loucura de Lobo.

Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, as polêmicas gramáticas são sintetizadas através da trajetória do gramático Lobo na redação do jornal. A princípio, a gramática do velho professor era aplicada com toda rigidez, sendo uma espécie de lei suprema, de religião a ser seguida: “Não admitia equivalências, variantes; era um código tirânico, uma espécie de colete de forças em que vestira as suas pobres idéias e queria vestir a dos outros” (Barreto 1971: 113).

Comentando a gramática do personagem Lobo, o narrador deixa transparecer a sua visão da linguagem, semelhante à visão de Lima Barreto, que não há apenas um modo de se pensar os aspectos relacionados à língua, ou seja, que a língua é múltipla em suas manifestações e que todos os registros são válidos, dependendo da situação. Lobo tratara de reunir todas as picuinhas gramaticais numa única gramática e utilizava-a para exercer o poder da linguagem, oprimindo os que não a utilizassem ‘corretamente’. Aliás, o gramático não restringia suas regras ao código escrito, preocupando-se inclusive no modo que os outros falavam. As implicâncias dele eram tantas que até mesmo o jornalista português – trazido para conquistar os anúncios dos comerciantes lusos – é corrigido pelo velho gramático, na questão da colocação pronominal, por utilizar uma colocação próxima do modo que os brasileiros falavam. Isaías Caminha convive durante um bom tempo com Lobo e em nenhum momento se sente seduzido pelo código tirânico do gramático.

O poder do gramático Lobo é questionado em determinado momento do livro. Perdendo campo para o jornal concorrente, Ricardo Loberant, o proprietário do jornal, usa de todos os artifícios para vender mais jornais, imita as ilustrações das páginas policiais de outros jornais, forja anúncios de empregos e, por fim, vendo que o concorrente não dava muita importância à Gramática, conseguindo com isso ampla aceitação dos leitores, proíbe gramatiquices no jornal. A discussão do proprietário do jornal e do gramático mostra a perda de poder dos puristas dentro da redação do jornal (Barreto 1971: 125-126).

Sem ter mais o domínio sobre o que era escrito no jornal e vendo a proliferação dos erros, Lobo quer escrever uma carta não se responsabilizando pelos “erros gramaticais” cometidos no jornal. O medo de começar a falar numa modalidade mais dinâmica e renovada do idioma, um calão indecente no entender do gramático, leva-o a ser internado no hospício, ficando com os ouvidos tapados e lendo a *Ensynança de Bem Cavalgar de El Rei Dom Duarte*. O jornal começava a procurar um meio de expressão mais moderno, livre da influência literária e de regras gramaticais muito rígidas. A camisa de força das regras imposta por Lobo servia agora para prender somente o gramático.

Passados esses dois primeiros momentos de aprendizado, tendo se desligado da imprensa e sendo agora um simples escrivão de uma cidade do interior, Isaías Caminha resolve escrever suas recordações. A sua vivência no meio jornalístico o havia colocado em contato com os “grandes” nomes da literatura. Na vivência com o meio jornalístico, o narrador observou os padrões literários seguidos pela maioria. Esse contato leva Isaías a refutar a literatura praticada pelos figurões das letras nacionais e as regras gramaticais por demais rígidas. Cabe destacar que a escolha do interior no Isaías – na posição de observador – mostra-se importante para que se tenha uma melhor dimensão dessa vida literária. Logo, as informações que Isaías tinha dos escritores provinham de uma formação livresca – fato perceptível no contato que teve com um famoso escritor na redação do jornal:

Os retratos espalhados pelos quatro cantos do Brasil tinham tornado familiar aquela fisionomia; mas, de perto, ali a dous passos de mim, o meu olhar fixo, atrás de fortes lentes, a testa baixa e fugidia, quase me fizeram duvidar que aquele fosse o Veiga Filho, o grande romancista de luxuoso vocabulário, o fecundo *conteur*, o enfático escritor a quem eu tinha habituado a admirar desde os quatorze anos... (Barreto 1971: 113)

Trata-se de um itinerário da decepção que se repetirá na estrutura do romance quando o personagem analisa a cidade e os políticos. Sobre o meio literário, Isaías descobre que era o próprio escritor Veiga Filho quem escrevia os elogios a seu nome: após ouvir a leitura da matéria escrita por ele sobre uma conferência que proferira na noite anterior, com a complacência do crítico literário do jornal e do afamado gramático. Isto o leva a pensar que o mesmo aconteceria com outros escritores, nacionais e estrangeiros, ou seja, outras glórias foram forjadas deste modo nos jornais.

Além do contato com os escritores, Isaías Caminha conhece a crítica literária do período. Floc, o crítico literário do jornal, sintetizava um modelo de crítica comum então: a crítica impressionista praticada nos jornais e revistas da época: “A sua crítica não obedecia a nenhum sistema; não seguia escola alguma. As suas regras estéticas eram as suas relações com o autor, as recomendações recebidas, os títulos universitários, o nascimento e a condição social. Elogiava nefelibatas, se eram de sua amizade, se eram ‘limpos’; detratava se não eram” (Barreto 1971: 122).

A relação do crítico com os escritores iniciantes aparece em alguns momentos do romance, podendo ser dividida em dois grupos: 1) os escritores com as credenciais exigidas por Floc, os bem nascidos, formados e/ou prestigiados por outros críticos; 2) os escritores que não tinham essas credenciais. Do primeiro grupo, destaca-se a figura de Deodoro Ramalho – uma fina flor do bacharelismo e do arrivismo brasileiro – que durante todo o seu curso de medicina publicara contos, artigos e folhetins nos jornais. Graças a isso, obteve distinções na Faculdade por publicar no jornal e conseguiu espaço no jornal devido ao seu “mérito” estudantil.

Do segundo grupo, o poeta Félix da Costa e o seu livro *Anelos*. Título que significa desejo intenso, aspiração. Na conversa com Isaías, Félix fala sobre o processo da sua formação enquanto escritor: os primeiros versos, o reconhecimento dos amigos e, por fim, o primeiro livro. Faltava agora uma opinião mais abalizada para que ele pudesse corrigir as eventuais falhas. Para isso o jovem poeta, que levava a sério os conselhos do crítico publicados no jornal, contava com Floc. Isaías se compromete a deixar o livro com o crítico, embora conhecesse o triste destino do mesmo: não ser lido.

Em suma, o contato de Isaías com os principais literatos do país definiu um padrão de literatura desejado pelo personagem-narrador que se opusesse àquele meio e que ao mesmo tempo o atacasse com todas as forças. Dito isso, deve-se relativizar a afirmação de que Isaías é um escritor em construção, pois há uma experiência anterior com a escrita que define os rumos do seu livro, ou seja, o personagem-narrador não parte do zero, mas sim deseja um livro que se oponha aquele meio que ele aprendeu a odiar na redação de *O Globo*:

O que observei neles [nos literatos], no tempo que estive na redação de *O Globo*, foi o bastante para não os amar, os imitar. São em geral de uma lastimável limitação de idéias, cheios de fórmulas, de receitas, só capazes de colher fatos detalhados e impotentes para generalizar, curvados aos fortes e às idéias vencedoras, e antigas, adstritos a um infantil fetichismo do estilo e guiados por conceitos obsoletos e um pueril e errôneo critério de beleza. Se me esforço por fazê-lo literário é para que ele possa ser lido, pois quero falar de minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e no seu interesse, com linguagem acessível a ele. É este o meu propósito, o meu único propósito. (Barreto 1971: 78)

É da leitura de escritores/pensadores de outros países (Dostoievski, Tolstói, Stendhal, Flaubert, Renan, Eça, Taine, Bouglé, Ribot) e do confronto com os literatos que desfilavam pela redação de *O Globo* que surge seu terceiro momento de aprendizado, ou seja, o próprio ato da escrita. Pela lista de escritores citados por Isaías, pode-se perceber o interesse por uma literatura voltada para questões sociais e que se valem de romances de tese. No prefácio ‘Breve Notícia’, Isaías esboça uma tese que o teria motivado a escrever o livro: as dificuldades encontradas por um jovem mulato com desejo de vencer na vida estavam no meio e não em heranças genéticas. Porém,

o prefácio desmente a tese ao dar Isaías Caminha – passados dez anos da publicação do livro – deputado pelo seu estado.

Esse primeiro projeto acaba se limitando aos dois primeiros capítulos do livro. O que teria levado a essa mudança tão repentina no personagem? Seria uma artificialidade de evolução como apontou L. M. Pereira (1994: 230-231)? Ao que me parece não, Isaías Caminha sofre com um problema semelhante ao de Quaresma, ou seja, seu conhecimento é fruto das leituras que fizera na juventude. Todos os atos de Caminha são motivados pela leitura.

Na primeira parte do livro (capítulos I a II), vê-se o primeiro contato com o universo letrado representado na figura do pai, um vigário que tivera um filho e não descuidara dele. A inteligência do pai é constantemente contrastada com a formação não-letrada da mãe: um verdadeiro abismo aos olhos do menino. Com a morte do pai, os parentes maternos se esforçam para garantir os estudos do menino.

Na escola, Isaías se destaca, sendo presenteado pela professora, Dona Ester, com um livro *O poder da vontade*, de Smile, um livro sobre os grandes homens e seus sacrifícios para atingirem o poder. Aos olhos do personagem-narrador, o saber se transforma em possibilidade de ascensão social e de vitórias futuras. Envolto no ambiente aconchegante da cidade do interior, Isaías sonha com a sua redenção: o canudo de doutor. Esse sonho de ascensão social de Isaías Caminha tem na sua base a ordem republicana consolidada na *Constituição de 1891*, que previa a igualdade entre os cidadãos e o acesso aos cargos públicos garantido aos cidadãos brasileiros.

E é a da leitura – novamente ela – de um jornal da sua cidadezinha que vem a decisão de partir para o Rio. Felício, um jovem de conhecimento inferior ao seu, que não sabia a diferença entre o adjunto atributivo e o adverbial, triunfara na Capital. O que fazia ali – pensa Caminha. Tomada a decisão de partir, Isaías notifica sua família. O tio Valentim – que o sustentara e garantira seus estudos até então – prontifica-se para conseguir uma carta de recomendação com o Coronel Belmiro, para ser entregue ao Deputado Castro. O roteiro parecia certo e seguro. Valentim, cabo eleitoral responsável pelo “voto” de centenas de mortos a favor do deputado Castro, pedia a sua contrapartida em nome do sobrinho pelos serviços prestados à “ordem nacional”. A chamada Política dos Governadores daria a um filho do interior a recompensa pelos serviços prestados ao Poder Central.

Seguindo o itinerário da decepção, tem-se a primeira delas: a capital da República. Vindo do interior, o personagem parece não acreditar que aquela seja a mesma cidade descrita nos jornais. Esse sentimento de Isaías é parte do seu aprendizado, indo aos poucos se desfazendo das ilusões causadas por suas leituras, sendo também uma crítica à imprensa que procurava passar uma imagem positiva do Rio.

O aumento da população causado pela perspectiva de uma vida melhor na capital fez crescer o déficit habitacional na cidade. Com a derrubada de antigos casarões do centro e com a criação de novas linhas de bonde, as populações mais pobres começaram a procurar bairros mais afastados. É o que se vê com Isaías que, mesmo após ter

conseguido um emprego de contínuo no jornal, tem que tomar essa medida, passando a morar num antigo palacete transformado em casa de cômodos.

A ocupação do espaço da cidade vai se definindo pelas mudanças econômicas, políticas e sociais, repetindo o movimento da nação: centro X periferia, definindo o uso do território o dinamismo da sociedade e da economia. É a oportunidade de se oferecer uma visão crítica daquela realidade em transformação, sendo Isaías Caminha um porta-voz privilegiado da periferia. A formação dentro de um universo letrado não apagou suas origens (mulato, pobre e interiorano), mas antes forneceu os mecanismos necessários para uma leitura crítica. Dessa maneira, o subúrbio não é um corpo exótico dentro da nação, olhar que era muitas vezes explorado pelos escritores do período, mas sim uma realidade ligada à estrutura política, social e econômica. Isaías Caminha descobre formas de solidariedade entre os moradores do subúrbio, trazendo situações carregadas de lirismo, emoção e verdade:

Admirava-me que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome, contra a moléstia e contra a civilização; que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e dificuldades. Não sei que estranha tenacidade a leva a viver e por que essa tenacidade é tanto mais forte quanto mais humilde e miserável.

Vivia na casa uma rapariga preta que suportava dias inteiros de fome, mal vivendo do que lhe dava uma miserável prostituição; entretanto, à menor dor de dentes chorava, temendo que a morte estivesse próxima. (Barreto 1971: 148-149)

Isaías Caminha presencia a admiração que os moradores do subúrbio tinham pelo jornal e pelas pessoas que lá trabalhavam. No palacete transformado em habitação para famílias pobres, onde Isaías morava, apesar da sua posição de simples contínuo, o jovem era o jornalista e todos o respeitavam (Barreto 1971: 117). E qual seria a origem do encantamento inicial de Isaías Caminha pelos políticos? A imagem formada dos políticos pelo personagem tinha duas matrizes: os antigos legisladores romanos e os legisladores do tempo do Império brasileiro. O conhecimento dos últimos foi reforçado nas conversas com seu pai. No pensamento de Isaías, os políticos eram homens acima da média, preocupados com os interesses coletivos, legislando por amor à Nação, adivinhando os interesses da coletividade:

Embora não tendo mais a velha crença, de que eles [os políticos] fossem inspirados pelos deuses, o meu respeito baseava-se em motivos mais modernos, concordes com o feitio de pensar do nosso tempo. Imaginava-os com uma tresdobrada força de sentidos e inteligência, podendo prever, adivinhar, sentindo antes de expressos os desejos, as necessidades de cada um dos milhões de entes que sofriam e viviam, que pensavam e amavam pela vasta extensão da pátria. (Barreto 1971: 48)

O desenrolar da sessão da Câmara revela políticos totalmente diferentes da imagem projetada. Eram homens preocupados com seus interesses pessoais e que se escondiam atrás de uma eloquência inútil – inutilidade que não deixa de lembrar o discurso de Brás Cubas para a mudança das barretinas da Guarda Nacional. No entanto, o quadro desalentador da política não é somente culpa dos homens públicos. Criticamente, Isaías vê que o desinteresse da população pela política ajudava a agravar o quadro. Ele mesmo sabia o nome de reis, faraós, poetas, mas conhecia pelo nome apenas o deputado Castro, quase seu vizinho. Isaías não podia ter percebido isso antes? Mais uma vez Isaías preferira o conhecimento livresco – a imagem que os retratos dos compêndios davam – à observação da realidade. Será que a própria estrutura da política no interior não poderia ter dado uma noção para Isaías de que a política não era bem assim? Afinal, o tio do personagem, o carteiro Valentim, braço direito do Coronel Belmiro, era conhecido em Itaporanga por ter matado adversários e ressuscitado eleitores para eleger o Deputado Castro.

A própria carta de indicação trazia em si uma série de incongruências. O papel que garantiria os estudos de Isaías foi escrito num átimo pelo Coronel Belmiro; os poucos conhecimentos gramaticais dele não permitiam maiores demoras, afirma o personagem-narrador. Além disso, a demanda por um emprego público com o auxílio de um pistolão contrariava a ordem democrática. Para despistar Isaías Caminha, o deputado Castro sugere ao personagem que preste um concurso público. Porém, Castro diz que tem uma série de pedidos de colocação em cargos públicos a serem cumpridos, ou seja, havia solicitações mais importantes e mais rentáveis politicamente.

O desencanto de Caminha com a política ligava-se ao sentimento geral que tomava conta da nação. Ao escolher um moço do interior para entrar em contato com esse universo, o autor mostrava a forma pela qual a estrutura do poder central se relacionava com o interior. A fraqueza intelectual do Coronel Belmiro encontrava seu correlato na Câmara Federal. Por sua vez, a imprensa preferia os escândalos pessoais a manter a população informada sobre os rumos da política. Mas as principais lições da relação da imprensa com o poder viriam na segunda parte do aprendizado de Caminha, quando ele se torna empregado de *O Globo*.

Assim, a escrita do romance acontece após um longo aprendizado do qual se deve levar em consideração: 1) a formação do personagem baseada numa cultura livresca; 2) o contato com a realidade (a cidade, a política, o jornal e os escritores) e desilusão com a cultura livresca; 3) a escrita do livro após desligar-se da imprensa e ter tido contato com uma literatura que se opunha àquela praticada pelos literatos que frequentavam o jornal. Analisando o livro por esse viés, pode-se perceber que o conteúdo crítico estava endereçado a uma estrutura social que acenava com falsos sonhos de igualdade. Os percalços e impasses do personagem-narrador Isaías Caminha revelam o poder de um regime antidemocrático que encontrava nos intelectuais (escritores, políticos, jornalistas), aquartelados na imprensa, os forjadores de uma ordem democrática que só existia nas páginas do jornal, nos discursos vazios e numa literatura descomprometida com seu tempo. Logo, a derrota do jovem Isaías Caminha, o mulo-to pobre que queria ser doutor, é sucedida pela vitória do escritor, o apagado escri-

vão Isaías Caminha. Distante espacial e temporalmente de tudo que aconteceu, ele escreve sua crônica de ódio, mas nem por isso destituída de verdade, opondo-se a uma literatura alambicada que recebia um duro golpe ao final dessas recordações.

OBRAS CITADAS

BARRETO, Lima. *Vida urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

———. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1971.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I – magia e técnica, arte e política*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. “O romance social: Lima Barreto”. *História concisa da literatura brasileira*. 36ª ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

FANTINATI, Carlos Erivany. *O profeta e o escrivão: estudo sobre Lima Barreto*. São Paulo: Ilhpha-Hucitec, 1978.

SANTIAGO, Silviano. “Uma ferroada no peito do pé (dupla leitura de Triste Fim de Policarpo Quaresma)”. *Vale quanto pesa – ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ISAÍAS CAMINHA: A NARRATOR BEHIND THE SCENES OF NEWS

ABSTRACT: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (*Recollections of the clerk Isaías Caminha*) is the first book published by Lima Barreto and it has always been seen as a book in which the author's subjective issues badly influence the narrative. This paper intends to show that the use of the character Isaías Caminha, a poor mulatto, has an important role to reveal the power structures in the first days of the Brazilian Republic. Hence, Isaías Caminha goes through a significant process of learning in the newspaper he works for that leads him to make use of a language style in his recollections which are opposite to the one practiced by writers of the dominant social class.

KEYWORDS: Lima Barreto, Brazilian Literature, language and power.

Recebido em 14 de abril de 2009; aprovado em 30 de junho de 2009.